

Caminhar para retomar: A caminhada em retomada de terras ancestrais dos Mbyas Guaranis no Sul do Brasil

La caminata en reanudación de tierras ancestrales de los Mbyas Guaraníes en el sur de Brasil

Oendu de Mendonça¹

Resumo

Neste tempo em que, os indígenas têm enfrentado o desfazimento de seus direitos fundamentais e territoriais, reconhecidos pela Constituição, os sonhos e a caminhada (*guatá*), orientam os Mbyas Guaranis, a retomar suas terras ancestrais. Este resumo, discute as relações entre a caminhada e a retomada de terras, no *teko porã* (bem viver) e no *nhandereko* (fortalecimento da cultura). Movimento protagonizado pelos Mbyas Guaranis no Rio Grande do Sul. A base teórica deste resumo, são trabalhos acadêmicos escritos pelos intelectuais indígenas, debatendo como essas práticas lutam pelo anti-etnocídio.

Palavras-Chave: Mbya Guarani; Retomada; Caminhada

Resumen

En este momento, los pueblos indígenas han enfrentado la aniquilación de sus derechos fundamentales y territoriales, reconocidos por la Constitución, los sueños y la caminata (*guatá*), guían a los mbyas guaraníes a retomar sus tierras ancestrales. Este resumen discute la relación entre caminar y la recuperación de la tierra, en *teko porã* (buen vivir) y *nhandereko* (fortalecimiento de la cultura). Movimiento liderado por los Mbyas Guaranis en Rio Grande do Sul. La base teórica de este resumen son trabajos académicos escritos por intelectuales indígenas, que debaten cómo estas prácticas luchan por el anti-etnocidio.

Palabras claves: Mbya Guarani; Reanudación de tierras; Caminada

1. Introdução

A fumaça da fogueira pela manhã, se funde com a neblina de um dia frio, na Tekoá Jatay'ty, é como se te “benzesse” no preparo do corpo para entrar neste espaço sagrado. É por uma estrada de terra que caminho, para chegar na escola indígena Karaí Arandu, local em que realizei meu estágio de conclusão de curso de Licenciatura em Artes Visuais pela UFRGS, no ano de 2018.

O estado de introspecção, que costumo encontrar os alunos, parece se adensar. Junto as kunhas (mulheres) tomamos um mate, ao meu lado está quieta e aflita minha aluna. Tento acolhê-la, mas permanece o silêncio. Outra kunha, que estava conosco na roda de mate narra que “os mais velhos” de minha aluna tiveram um sonho, e agora estavam todos se preparando para uma grande caminhada.

Essa pequena narrativa, que relato no início deste texto, exemplifica as questões que estudo nesta pesquisa, a caminhada em retomada de terras ancestrais, realizada pelos Mbyas

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais / FCS - Universidade Federal de Goiás (UFG); Goiânia, Goiás, Brasil; oendumendonca@gmail.com

Guaranis. Este grupo de Guaranis, pouco tempo depois, realiza a retomada das terras do Arado Velho localizadas no bairro de Belém Novo em Porto Alegre.

A etnia Guarani - tronco da família Tupi-Guarani - se subdivide em grupos, estes atualmente se denominam: Mbya, Kaiowá e Avá/ Nhandeva. Segundo Branislava Susnik (1980:09), citado por Machado (2015, p.123) “No século XVI, quando se iniciou a conquista da América por portugueses e espanhóis, o Guarani encontrava-se em uma área compreendida entre os rios Paraguai, Paraná, Tietê, Uruguai, Jacuí e alguns assentamentos no litoral atlântico.” Atualmente a presença Guarani é localizada - em um território dinâmico relacionado às movimentações - E segundo PIB Instituto Socioambiental: Argentina, Bolívia, Brasil (nos estados RS, SC, PR, SP, RJ, ES, MS, PA) e Paraguai.

2. Contextualização do tema

Há uma extensa literatura etnográfica sobre o tema da caminha e abordando o tema da “Terra sem Males”, desde a etnografia escrita por juruás (não-indígenas): Nimuendajú (1987), León Cadogan (1958), Egon Schaden (1969 e 1974), Hélène Clastres (1978), Bartolomeu Melià (1989), Maria Inês Ladeira (1992 e 2001), Pierre Clastres (2003, 2004), José Otávio Catafesto de Souza (2005), Elizabeth Pissolato (2006). Versam sobre histórias de caminhadas que levaram aos lugares de morada Mbyas Guaranis, denominados *tekoás* (aldeias). Recebendo em sonhos o *guatá* (caminho) a ser percorrido, são lugares sagrados para onde sua família/parentesco se direciona.

O sonho é comunicado ao coletivo, começando a preparação para a caminhada. Em primeiro momento, direcionam-se a *opy* (casa de rezo). Há várias etapas - eu resumo a partir da leitura do intelectual guarani Machado (2015) como: interpretação do sonho, preparação da mente, do espírito, do corpo, à dança - até efetivamente começar o ato de caminhar.

A caminhada é um processo, assim sendo, eu proponho pensá-la em perspectiva com as teorias de performance ritual: em diálogo com Richard Schechner (2012). Sem a pretensão de categorização da caminhada à partir de um conceito elaborado pelo ocidental Van Gennep (1909), mas fazendo uso como uma ferramenta que ajuda a pensar a caminhada como etapa de um ritual em relação com a retomada. Este limen que liga um espaço ao outro, a caminhada como “entre” até a *tekoá*.

O ato político de retomada de suas terras ancestrais, sendo, performance de composição da *tekoá* (aldeia). Este limen é manifestado como um caminho a ser feito, coletivamente, para construção de um território em que é possível viver o modo de vida boa: o *teko porã* (bem viver; maneira correta de viver do Guarani) e praticar o *nhandereko* (modo de ser Guarani).

2.1. A caminhada

A caminhada (*guatá*) - pensando com o Guarani Nhandeva Almiros Martins Machado, em sua tese: *Exá raú mboguatá guassú mohekauka yvy marãe'y*, defendida em 2015, principal referência para este trabalho - é parte fundante do guarani, é a filosofia de vida do guarani. Eu diria que é através do caminhar que o guarani agencia o mundo.

Este caminhar estudado, direciona-se às retomadas de terras ancestrais. A retomada é política de ação direta feita pelos guaranis, e que por ela, é possível realizar a reparação histórica das terras que a Constituição de 88 deveria lhes garantir, refletindo também, a política de terra no Brasil.

3. Marco Temporal

As retomadas de terras indígenas estão acontecendo, neste tempo em que, os povos indígenas têm enfrentado o desfazimento de seus direitos fundamentais e territoriais, reconhecidos pela Constituição. O chamado Marco Temporal, ação no Supremo Tribunal Federal (STF) alega que os povos indígenas só podem reivindicar terras onde já estavam no dia 5 de outubro de 1988. O que na prática, acabaria com os direitos territoriais de grupos que não estivessem nas suas terras, ou em disputas por estas áreas, na data da promulgação da atual Constituição Federal. Situação em que se encontram a grande parte dos povos indígenas no Brasil.

A política do estado nação brasileiro é uma política etnocida, Pierre Clastres conceitua o etnocídio como “a destruição sistemática dos modos de vida e pensamento de povos diferentes daqueles que empreendem essa destruição. Em suma, o genocídio assassina os povos em seu corpo, o etnocídio os mata em seu espírito.” (Clastres, 1980, p.56) Através do caminhar o guarani luta pela terra, por sua sobrevivência e sobrevivência de seus modos de vida. E a retomada é uma prática de *mbaraeté* (fortalecimento da cultura).

4. Metodologias – Retomadas

A minha trajetória começou muito antes de sonharem com meu nascimento, minha bisavó é guarani, da fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul. Em uma autoetnografia, como trabalho de conclusão de curso, descrevo através das narrativas de minha bisavó, o processo do etnocídio guarani na região, em que hoje, minha família tem moradia através de lutas em ocupações.

Em 2018 realizo estágio de conclusão de curso na disciplina de artes na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental *Karáí Arandu*, que relato na introdução. É neste período que ocorre a tessitura de afetos que dá origem a esta pesquisa. São os mais velhos da aldeia, que durante o ano de 2018, realizam a retomada das terras do Arado Velho.

Neste convívio, que começo a entender o processo de retomada. No mesmo ano, estive envolvida na bioconstrução da escola autônoma *Teko Jeapó* localizada na retomada Mbya Guarani de Maquiné-RS, pude pensar junto ao cacique André, o regimento e diretrizes da escola. Posto isso, esse trabalho se compreende das discussões a respeito do tema do guatá (caminhada) e da retomada, desde 2018.

A primeira Retomada que estudo é a mais antiga: A Retomada Mbyá-Guarani de Maquiné, município no litoral norte do Rio Grande do Sul, nominada de *tekoa Ka'aguy Porã*. Teve início em janeiro de 2017, retomando uma área estatal da Fepagro (Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária) este órgão foi extinto pelo governo do estado em novembro de 2016. Esta retomada é um marco na aliança entre indígenas e não-indígenas (*juruás*), pois através desta articulação política, a Escola Autônoma *Tekó Jeapó* foi bio-construída com recursos de doações, e foi possível realizar acordos com o governo para a ocupação da área.

A segunda, Retomada do Arado Velho, localizada no bairro Belém Novo em Porto Alegre, que eu trouxe a narrativa no início deste texto. À margem do Lago Guaíba (lago em que era retirado o barro da cerâmica Guarani antes do aterramento) foi retomada em junho de 2018, em uma Área de Preservação Permanente, esta região é reconhecida como sítio arqueológico, o antropólogo José Otávio Catafesto narra, em palestras sobre o tema, que no local há marcas de ocupação guarani do período pré-colonial. Apesar disso, o local passa por um intenso conflito, uma incorporadora imobiliária pretende construir um condomínio de luxo no local, desde a retomada os guaranis tem enfrentado ameaças de morte e tiros (inclusive durante a pandemia).

São de *nhemonguetás* (conversas), vivências, e experiências compartilhadas que vai se produzindo uma possível etnografia. Mais do que realizar entrevistas, ou até de uma observação participante, é de um lugar da experiência, de saberes que passam pelo corpo.

Para esses saberes entrarem em composição através da escrita, faço fluir comigo as leituras de intelectuais indígenas (Ailton Krenak, Eliane Potiguara, Kaká Werá Jecupé, Sandra Benites) e principalmente aqueles que vêm pensando sobre o tema da caminhada, como o já citado Altamires Machado.

5. Considerações finais – Yvy Marãe’y

Descreve Machado (2015, p.36) *yvy maraey* como a terra em que não se morre, onde nada tem fim, terra da perfeição. Caminha-se em direção a esta terra com a perspectiva de bem viver, é a terra da luz. Pierri, em sua dissertação sobre a perecibilidade e a imperecibilidade Mbya Guarani, expõe a seguinte análise em torno da literatura antropológica:

Bartomeu Melià (1987: 35-36) chamava atenção para o que considerava como “desdobramentos excessivos” do “tema da Terra Sem Mal”. Pouco depois, o mesmo autor (Melià, 1990) apresentava em texto que se tornou referência à sua própria versão de como considerava que o tema da “procura da terra sem mal” deveria ser abordado: A terra sem mal não deveria ser encarada apenas como um paraíso, cuja busca seria uma evasão à vida na terra, mas sobretudo como um espaço apropriado para a realização do modo de vida guarani, tanto do ponto de vista da economia como da ecologia. É por essa razão que Pissolato (2006:86-94) considera que Melià seria o responsável por uma “ecologização” da “terra sem mal”. (Pierre, 2013, p. 153)

Levanto essa hipótese em aberto, de um possível devir de *yvy maraey* nas retomadas, pois tendo em vista um território em que, se possa realizar o modo de vida pleno, é possível corporificar os rituais que preparam para o estado de *aguyje*, necessário para a travessia para *yvy maraey*. (Infelizmente não poderei me aprofundar neste assunto, recomendo leitura de Pierre 2013).

Na fala de André Benites cacique da retomada *Tekoá Ka’aguy Porã* Maquiné-RS, “Retomada não é só território, não é só da terra, do lugar, retomada, é retomada da vida, a gente voltou a viver.” (Cristina Ávila, 2018) expressa o *teko porã* (bem viver). Compondo pensamento a partir de minha leitura de Schechner (2012), em que os rituais são memória em ação, a cultura é viva na medida em que ela é performada.

Cabe enfatizar as problemáticas nos processos de demarcação: muitas aldeias demarcadas pelo estado, não possuem características em que se possa viver o modo de vida pleno, há muitas terras demarcadas, por exemplo, que são destinadas aos indígenas, com o solo esgotado.

Para que não haja etnocídio, a cultura precisa estar sendo vivida (*teko jeapó*), performada, essa é a cosmologia do bem viver: dançar o *xondaro* (guerreiro) para se fortalecer, ter uma terra fértil para plantio do alimento sagrado, seguindo seu próprio calendário, poder caçar, enfim, uma série de rituais para que se tenha o corpo leve (*ivevui*) que levará ao estado de não perecibilidade de *yvy maraey*. O bem viver se pratica na *tekoá* (aldeia), no *nhandereko* (modo de vida).

Muito se tem falado a respeito do modo de vida guarani, o *nhandereko*, mas para que o mesmo seja exercitado é preciso um lugar que ofereça condições para que seja possível viver de acordo com as regras prescritas, esse lugar é o *tekoá*, literalmente é o lugar onde a vida cai. Congrega em si um conceito cultural sincrético, que extrapola a simples posse de uma área de terra, significando o lugar, o meio, as condições ideais para o modo de ser guarani. Viver, estar no *tekoá* é o lugar no qual se vive o *teko* (filosofia de vida). É o ponto onde se imbricam as dimensões do social, político, econômico e cosmológico. No passado o *tekoá* não tinha limites fixos, poderia ser extenso ou não. (Machado, 2015, p.147)

Em um mundo ocidentalizado, em que os guaranis são marginalizados, eles reinventam a si, e suas formas de luta. Fortalecendo sua cultura (*nhandereko*), pela ação direta de retomar suas terras ancestrais, atualizam sua força nesses rituais. O *guatá* (caminhada) em retomada, aponta para novos caminhos de uma política guarani de reparação histórica.

Referências

ÁVILA, Cristina. Retirada a fala de André Benites. Youtube, 2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T-AwtMin_uQ>. Acesso em: 10 set. 2020.

BENITES, Sandra

Nhe'ẽ, reko porã rã: nhemboca oexakarẽ Fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro (educação tradicional): o olhar distorcido da escola; Florianópolis UFSC, 2015

CLASTRES, H.

1978 Terra sem Mal: O Profetismo Tupi-Guarani. Brasiliense. São Paulo.

CLASTRES, Pierre

Arqueologia da violência pesquisas de antropologia política Publicado em 1980 | Edição brasileira de 2004 Editora Cosac & Naify

FARIAS, João Maurício

Retomada Mbya Guarani no Yvyrupá: agenciamentos, produção de subjetividade e criação de estratégia de luta. Porto Alegre UFRGS, 2018

LADEIRA, Maria Inês 1992. O caminhar sob a luz: o território Mbya À beira do oceano. São Paulo UNESP.

MACHADO, Almiros Martins

Exá raú mboguatá guassú mohekauka yvy marã'y : de sonhos ao Oguatá Guassú em busca da (s) terra (s) isenta (a) de mal / Almiros Martins Machado - 2015.

NIMUENDAJU, C.

1987 - Los Mitos de Creación y de Destrucción del Mundo como Fundamentos de la Religion de los A papokuva- Guarani - J. Riester (ed.), Serie Antropologica 1, Centro Amazonico de Antropologia y Aplicación Practica. Lima.

PIERRI, Daniel Calazans O perecível e o imperecível: reflexões guarani Mbya sobre a existência/Daniel Calazans Pierri-São Paulo, Elefante, 2013.

PISSOLATO, Elizabeth

A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani)/Elizabeth Pissolato. São Paulo: Editora Unesp: ISA; Rio de Janeiro: NuTI, 2007.

PIERRI, Daniel Calazans O perecível e o imperecível: reflexões guarani Mbya sobre a existência/Daniel Calazans Pierri-São Paulo, Elefante, 2013.

SCHECHNER, Richard

Performance e Antropologia seleção de ensaios organizada por Zeca Ligéro; Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.